

## Forjando processos de aquilombamento musical: reflexões pedagógicas e práticas

### Comunicação

#### GTE 05 – Educação Musical e Relações étnico-raciais

*Stefani Silva Souza*  
*Universidade de São Paulo/USP*  
*Stefani.silvasouzaa@gmail.com*

**Resumo:** Este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre a educação musical a partir de uma perspectiva afrodiaspórica, discutindo conceitos como aquilombamento sonoro, ação quilombista musical e a proposta de “fazer sonoramente Palmares de novo”. A pesquisa parte da constatação do predomínio de práticas pedagógicas eurocêntricas nas instituições brasileiras de ensino musical, e com isso busca construir alternativas que reconheçam as experiências negras como locus legítimo de produção de saberes. Ancorado na escrevivência enquanto metodologia, o estudo articula práticas musicais, performáticas e pedagógicas voltadas à valorização das memórias, corporeidades e sonoridades afro-brasileiras. O trabalho apresenta a análise da performance concebida como defesa de conclusão de curso, construída a partir de processos coletivos que envolveram oralidade, improvisação e gestualidades para ressignificar a presença negra na educação musical. Ao evocar referências como Beatriz Nascimento, Abdias Nascimento e Conceição Evaristo, a pesquisa evidencia o aquilombamento sonoro como prática política e educativa que resiste aos modelos hegemônicos, amplia repertórios e reposiciona a música como ferramenta de resistência, identidade e transformação social. Assim, o estudo se inscreve como contribuição às discussões sobre educação musical antirracista e decolonial, fortalecendo a luta contra o epistemicídio nas instituições de ensino e reafirmando a potência da música como território de memória, luta e reconstrução coletiva.

**Palavras-chave:** Aquilombamento Sonoro; Educação Musical Antirracista; Intelectualidade Afrodiaspórica

### Introdução

A educação musical, em diferentes espaços institucionais, tem sido marcada historicamente por práticas e concepções alicerçadas em referenciais eurocêntricos, muitas vezes desconsiderando a pluralidade cultural e sonora que compõem a sociedade brasileira.

Nesse contexto, pensar alternativas pedagógicas torna-se uma necessidade urgente, especialmente quando se considera o papel da música como ferramenta de construção identitária, memória coletiva e resistência.

Para aprofundar essa perspectiva crítica e expandir as bases teóricas de nossa proposta, é fundamental dialogar com os conceitos da educação musical afrodiaspórica. Conforme aponta Luan Sodré, essa abordagem nasce do reconhecimento e da valorização das existências afrodiaspóricas, que trazem consigo uma ancestralidade viva e plural, ressignificada constantemente a partir das experiências e conexões contemporâneas:

A ideia de educação musical afrodiaspórica nasce do exercício de refletir sobre uma concepção de educação musical que considere, que dialogue, que se inspire nas existências afrodiaspóricas. Essas existências são e estão vivas, têm múltiplas identidades, mas não abrem mão de sua ancestralidade, de sua matriz. Estão permeadas de subjetividades que refletem suas trajetórias. Aqui a ideia é de uma matriz que é africana, ressignificada, recriada a partir da sua conexão com novas referências e novos territórios. É a criação de uma nova existência. Uma existência com possibilidade de múltiplas identidades. Viva e em constante transformação. Sendo assim, é uma educação musical de conexões e inclusões. Afro, pois reivindica a inclusão, a subsunção de referências de matriz africana que foram historicamente invisibilizadas nos processos de ensino de música em contextos escolares, mas diaspórica por se conectar, dialogar, trocar, permitir-se e reinventar-se ao se deparar numa zona de fronteira com outras referências. (De Souza, 2020, p. 253).

Essa concepção de educação musical afrodiaspórica reforça a necessidade de repensar as práticas pedagógicas para que elas sejam capazes de acolher e valorizar as múltiplas identidades e trajetórias presentes na cultura musical brasileira. Ao incorporar uma matriz que é, ao mesmo tempo, ancestral e dinâmica, essa abordagem propõe um movimento de resistência e reinvenção que desafia os modelos tradicionais de ensino. É justamente nessa direção que nossa proposta se insere, buscando criar espaços onde os processos de aquilombamento sonoro possam emergir e atuar como agentes de transformação na educação musical.

Propor relações nas quais os processos de aquilombamento musical sejam forjados a partir de uma perspectiva pedagógica reflexiva e prática implica, portanto, uma contraposição aos modelos hegemônicos vigentes em escolas, conservatórios e universidades. Essa proposta busca criar espaços onde mecanismos de aquilombamento sonoro - como a oralidade, a improvisação e a contextualização histórica e social - possam

desestabilizar filosofias, currículos e metodologias de ensino historicamente enrijecidos e monoculturais. A partir disso, emergem questões centrais: como propor uma metodologia de ensino musical antirracista cuja ferramenta primordial seja a improvisação e a exploração de sons, tanto convencionais quanto não convencionais? Como incorporar o aquilombamento como princípio epistemológico para pensar e produzir música? E, sobretudo, como compreender a construção de processos musicais fundamentados em uma perspectiva palmarina, ressignificando, por meio dos sons, a proposta do poeta José Carlos Limeira de “fazer Palmares de novo”<sup>1</sup>?

No contexto universitário brasileiro, historicamente marcado por práticas excludentes e pela hegemonia de epistemologias brancas, europeias, masculinas e heteronormativas, torna-se urgente refletir sobre estratégias que promovam não apenas a inclusão, mas a valorização ativa de outras formas de existência e produção de conhecimento. Nesse sentido, o aquilombamento emerge como uma prática política, pedagógica e afetiva que reorganiza os modos de estar, ensinar e aprender nas instituições. Trata-se de um gesto que ultrapassa a ideia de ocupação de espaços, propondo a criação de territórios de resistência, cuidado mútuo e afirmação identitária. É nesse horizonte que se insere a compreensão de que:

Aquilombar é uma questão de fortalecimento político; cuidado com a saúde mental de pessoas atravessadas pelo racismo; a ampliação do repertório de práticas sonoras e de bibliografias no sentido de seu enegrecimento; levar para o ambiente universitário um conjunto de saberes que ali estão ausentes; montar um curso com uma enorme presença negra no corpo discente e quase totalidade no corpo docente, só pode ser entendido como um aquilombamento. (De Souza Borges; Almeida, 2024, p. 181).

Dessa forma, conceber tal iniciativa como um aquilombamento implica reconhecer a complexidade de um movimento que não se restringe à ocupação de espaços institucionais por corpos negros, mas que opera uma reconfiguração epistemológica, ética e política no

---

<sup>1</sup>José Carlos Limeira (1951–2016) foi um escritor e poeta negro brasileiro. Uma das suas frases mais emblemáticas, extraída de seus poemas, é: “Por menos que conte a história, não te esqueço, meu povo. Se Palmares não vive mais, faremos Palmares de novo.” Essa passagem tornou-se um símbolo importante dentro do Movimento Negro Brasileiro. Em 2024, essa inspiração norteou a defesa do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no qual propus pensar processos metodológicos de ensino e aprendizagem musical, bem como performáticos, que possibilitem a criação de ambientes para uma ação musical quilombista - a que denomino processos de “aquilombamento sonoro”.

seio da universidade. A centralidade das experiências negras - tanto no corpo discente quanto no corpo docente - não apenas tensiona as estruturas tradicionais de produção do saber, mas institui outros modos de pensar, ensinar e aprender, marcados pelo compromisso com a coletividade, o cuidado e a reparação histórica. O aquilombamento, nesse contexto, deve ser compreendido como uma prática de enfrentamento ao epistemicídio, valorização das memórias diaspóricas e de afirmação de presenças que historicamente foram silenciadas.

Ao compreender a encruzilhada como um espaço dinâmico de articulação entre memória, corpo e saberes, é possível perceber como práticas narrativas e performáticas contribuem para a reinscrição desses conhecimentos nos territórios da diáspora. Nesse sentido, Martins afirma:

No âmbito das encruzilhadas que fundam a reinscrição desses saberes nas Américas, engenhosos modos de construção do narrado retecem histórias e repertórios textuais milenares em seus variados modos de asserção, nos volteios das linguagens, nos ritos e em muitas outras práticas performáticas que as instauram. (Martins, 2021, p. 116).

Retomando as questões centrais desta pesquisa, este trabalho discute tais questões, articulando-as às reflexões e práticas desenvolvidas em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que foi defendido em dezembro de 2024 para a obtenção do título de graduada em Licenciatura em Música. Nele, explorei formas não convencionais de ensino e aprendizagem musical, ancoradas em ações antirracistas que ressignificam o som, o corpo negro e a performance como lugares primeiros de uma intelectualidade afrodiaspórica.

Nesse contexto, é fundamental reconhecer o corpo negro como um locus privilegiado de produção de saberes, onde memória, resistência e criação se entrelaçam. Como nos sugere a citação a seguir:

O corpo negro, lugar primeiro de inscrição de uma intelectualidade afrodiaspórica, acontece a partir da combinação intelectual, artística e corpórea a qual o sujeito negro vivencia na sociedade brasileira. Esse corpo que carrega consigo um saber ancestral, herança dos povos africanos, se expressa de diferentes modos, a fim de contextualizar, relatar, denunciar e celebrar um determinado modo de vida a partir do reconhecimento das desigualdades que acometem a população negra em nosso país. (Souza, 2024, p. 7).

Ao dialogar com o conceito de *escrevivência*<sup>2</sup> de Conceição Evaristo, inscrevo minhas emoções, dores e alegrias na prática musical, transformando-as em ferramentas teóricas e metodológicas. Essa aproximação não é acidental: entre 2022 e 2023, trabalhei diretamente com a escritora, experiência que reverbera em minha atuação como estudante, pesquisadora e professora de música. Agora, no mestrado em Musicologia, amplio esses estudos para investigar a etnomusicologia e a educação musical sob a lente feminista negra.

Sendo assim, o trabalho será apresentado da seguinte maneira: em *Posicionando um discurso, discutindo conceitos*, irei expor algumas reflexões e conceitos utilizados ao longo da minha pesquisa para formular e conceituar o que chamo de “aquilombamento sonoro”, “ação quilombista musical” e os elementos que constituem a ideia de “fazer sonoramente Palmares de novo”. Aqui, busco trazer o que me motivou a pensar nesses elementos e conceitos para os aplicá-los em música, mas também trazer uma breve contextualização histórica acerca do mesmo. No subtítulo *Zumbi: educação musical antirracista*, proponho um diálogo com a lei 10.639/03 e 11.645/08, a fim de levantar uma discussão acerca dos saberes musicais sob uma perspectiva multicultural e racial. Por fim, em *Criando musicalmente Zumbi*, descrevo brevemente os processos musicais que levaram a performance de defesa do meu TCC, como a mesma foi explorada e trabalhada de forma coletiva para se pensar e aplicar formas, métodos e recursos não convencionais em música, os articulando com uma prática musical antirracista.

Ao final, espera-se que este trabalho não apenas documente uma experiência pedagógica singular, mas também ofereça ferramentas para repensar a educação musical a partir de epistemologias afrodiaspóricas - onde Palmares não é metáfora, mas prática sonora em devir.

---

<sup>2</sup> *Escrevivência* é um conceito cunhado por Conceição Evaristo em sua dissertação de mestrado *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (PUC-Rio, 1996). O termo designa uma prática escritural que transita entre o autobiográfico e o coletivo, ancorada nas vivências de sujeitos racializados, em especial mulheres negras. Mais do que um recurso estilístico, configura-se como gesto político e epistemológico, em que a escrita se torna espaço de insurgência contra silenciamentos históricos, articulando memória, identidade e resistência.

## Posicionando um discurso, discutindo conceitos

Entre os anos de 2022 e 2023, participei de atividades acadêmicas junto à escritora Conceição Evaristo, incluindo sua condução em grupos de estudo. Nessas experiências, foi possível aprofundar a compreensão do conceito de escrevivência, articulando-o a uma perspectiva interdisciplinar, uma vez que o grupo reunia pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, como História, Psicologia, Letras, Pedagogia, entre outras. Tal vivência favoreceu o diálogo teórico e prático entre múltiplos campos disciplinares, ampliando as possibilidades de reflexão sobre práticas educativas.

Esse percurso foi fundamental para minha formação como pessoa, pesquisadora e educadora musical, pois possibilitou o aprofundamento em conceitos essenciais para a compreensão das corporeidades negras em diferentes campos de atuação. No âmbito da educação musical, essa reflexão contribuiu para compreender as corporeidades como territórios de inscrição e resistência, mobilizando práticas quilombistas e afrodiaspóricas capazes de tensionar métodos, repertórios e abordagens pedagógicas tradicionais.

Diante desse contexto, emergem algumas questões centrais: em que circunstâncias o conceito de escrevivência pode ser incorporado à educação musical? Quais debates ele é capaz de provocar e sustentar? E de que maneira esse conceito dialoga com as ideias de quilombo, especialmente aquelas formuladas por intelectuais como Beatriz Nascimento e Abdias Nascimento? Por fim, como é possível forjar processos educativos e performáticos orientados por uma perspectiva antirracista, capazes de recriar, simbolicamente, Zumbi dos Palmares através da música?

Escrevivência não se limita a um relato individual, mas constitui um movimento coletivo de elaboração de memórias, afetos e experiências, a partir de uma perspectiva histórica e socialmente situada. Quando transposto para a educação musical, esse conceito amplia o entendimento sobre como as práticas sonoras carregam marcas da experiência negra, revelando histórias silenciadas e resistências expressas através da voz, do corpo e do som. Conforme nos revela o trecho a seguir:

Pensar, refletir, questionar e incorporar os saberes que são gestados a partir da ideia de quilombo e aquilombamento, permite que novas abordagens possam ser reconhecidas a partir da construção de um pensamento quilombola, no qual as vivências negras possam ser assumidas enquanto episteme em toda a sua complexidade nos bancos acadêmicos. (Souza, 2024, p. 58).

Ao reconhecer as vivências negras como fundamento epistemológico legítimo, rompe-se com lógicas excludentes que historicamente marginalizaram saberes oriundos da diáspora. Assim, a ideia de aquilombamento se projeta como ferramenta teórico-prática capaz de reconfigurar metodologias pedagógicas, permitindo que o ensino - inclusive no campo da música - valorize experiências plurais e promova a construção de narrativas emancipadoras dentro dos ambientes institucionais de ensino.

Com isso, a compreensão ampliada da música como prática social e performática, torna possível a percepção de que a escuta musical vinculada às tradições africanas opera em uma dimensão que transcende a audição passiva. Trata-se de uma escuta atravessada por vivências, por experiências corporais e coletivas, capaz de articular memórias e trajetórias históricas. Nesse horizonte, destaca-se a perspectiva que compreende a escuta enquanto processo intersubjetivo, profundamente conectado às escritivências e às performances cotidianas:

A escuta musical de tradição africana pode ser interpretada como uma escuta intersubjetiva, e apesar de falarmos sobre música, não podemos discorrer sobre a pluralidade e complexidade da mesma sem falarmos de suas manifestações. Ou seja, são escutas as quais buscamos relacionar com algum modo de experiência vivido e sentido a partir de nossas relações sociais. Logo, pensar a música, suas relações com nossas escritivências e performances do cotidiano, nos proporcionam uma bagagem de escuta musical intersubjetiva plural. (Souza, 2023, p. 346).

Essa concepção de escuta musical intersubjetiva destaca a importância de reconhecer a música como um fenômeno vivo, imerso em contextos sociais e históricos que moldam e são moldados pelas experiências individuais e coletivas. Ao situar a escuta como prática que integra memória, corpo e interação social, abre-se espaço para que as escritivências - entendidas como formas de conhecimento e expressão nascidas das trajetórias e vivências negras - sejam incorporadas como elementos fundamentais na produção e recepção musical.

Dessa maneira, o presente texto busca responder às questões anteriormente levantadas por meio do estudo e análise da performance musical apresentada como trabalho de conclusão de curso. A partir dessa análise, objetiva-se evidenciar, na prática, como os conceitos e reflexões discutidos ao longo do trabalho foram mobilizados para

estruturar uma proposta performática capaz de provocar questionamentos e propor novas narrativas acerca da presença negra na música.

Além disso, a reflexão destaca o corpo como território inaugural da intelectualidade afrodiaspórica, articulando corpo e mente enquanto dimensões indissociáveis no processo educativo e artístico. Ambos são compreendidos como expressões de repertórios formados em ambientes que promovem o estudo, a valorização das vivências e a manifestação de práticas artísticas. Essas manifestações se incorporam por meio da oralidade, da palavra e das gestualidades cotidianas das pessoas envolvidas no processo criativo e educativo, evidenciando a inseparabilidade entre experiência estética e produção de conhecimento.

### **Zambi: educação musical antirracista**

Forjar processos de ensino e aprendizagem musical, sob uma ação quilombista de Palmares e, especialmente, antirracista, é firmar um compromisso com a aplicabilidade das Leis 10.639/03 e 11.645/08, que tornam obrigatório o ensino da História da África e da cultura afro-brasileira, bem como dos povos originários. Esse compromisso legal, entretanto, exige que a construção pedagógica vá além do cumprimento formal, implicando uma reflexão profunda sobre as práticas educativas e seus contextos históricos e sociais.

A construção de propostas pedagógicas no campo da educação musical demanda uma reflexão crítica sobre os contextos históricos e sociais que moldam as práticas educativas. Compreender o ensino de música apenas como transmissão de técnicas e repertórios neutraliza as múltiplas identidades e trajetórias que compõem a experiência dos estudantes, especialmente em sociedades marcadas pela diversidade étnica e cultural. Nesse sentido, torna-se imprescindível reconhecer a centralidade das memórias, das culturas e das ancestralidades na formação musical, especialmente quando se trata das populações negras e afrodescendentes. É a partir dessa perspectiva que se propõe uma abordagem curricular mais ampla, como destaca o seguinte trecho:

O ensino de música precisa ser pensado a partir das relações socioculturais que atravessam a vida do educando, e neste estudo, pensamos a educação musical a partir do resgate a uma memória ancestral negra que valorize a história, cultura e origem de negros africanos e afro-brasileiros em nosso país. Se o Brasil é um país pluriétnico e pluricultural, logo os currículos de música precisam ser formulados a

partir de uma ideia e noção de "brasis", no qual a diversidade cultural e étnica seja respeitada e valorizada nos espaços oficiais de ensino. Como por exemplo, em escolas, conservatórios e universidades de música. (Souza, 2024, p. 2).

Dessa forma, fica evidente que a construção de currículos musicais deve transcender a simples inclusão de conteúdos, avançando para uma reestruturação que reconheça e valorize a pluralidade cultural que caracteriza o Brasil. O resgate das memórias e ancestralidades negras na educação musical não apenas enriquece o processo formativo, mas também contribui para a construção de uma identidade coletiva mais plural e consciente das desigualdades históricas. Assim, pensar a educação musical a partir dessa perspectiva é afirmar a urgência de práticas pedagógicas que dialoguem com a diversidade étnico-racial, promovendo espaços de ensino verdadeiramente inclusivos e representativos. Essa reflexão reforça a necessidade de um compromisso político e ético que transcenda os limites institucionais, posicionando a música como instrumento de resistência, afirmação cultural e transformação social.

No entanto, apesar do reconhecimento da diversidade cultural como elemento fundamental na educação musical, a realidade das práticas pedagógicas ainda reflete um forte predomínio de métodos e saberes eurocêntricos. Essa predominância limita o campo epistemológico, desconsiderando as múltiplas estéticas e simbologias presentes no Brasil, um país marcado por sua pluralidade étnica e cultural. O processo de epistemicídio - que silencia e marginaliza saberes não hegemônicos - permanece estruturalmente enraizado nas instituições de ensino, desde a formação inicial de professores até as dinâmicas cotidianas da sala de aula. Assim, torna-se imprescindível o engajamento na construção de pedagogias que desconstruam os equívocos sustentados pelo mito da democracia racial e que aproveitem a riqueza da diversidade sonora-musical nacional como motor para práticas educativas transformadoras e antirracistas. Conforme ressalta Batista (2018):

São utilizados métodos ativos, teoria, harmonia, história da música, sob a concepção eurocêntrica, por exemplo, para ensinar música desde a escola de Educação Básica até a Universidade no Brasil, que possui um vasto arcabouço de saberes outros e um riquíssimo campo epistemológico multicultural e étnico, em âmbito estético e simbólico. Ou seja, o epistemicídio contínuo nos espaços educativos é gritante. Pode-se dizer que vai da formação de professores até o cotidiano da sala de aula. Fundamental que estejamos engajados para a construção de pedagogias que desfaçam equívocos construídos sobre a base do mito da democracia racial, utilizando da diversidade sonora-musical que esse país possui,

com mola impulsora para uma outra forma de aprendizagem e por seguinte o combate ao racismo. (p. 115).

Diante do cenário de persistente eurocentrismo e epistemicídio nas práticas educativas, torna-se urgente a adoção de metodologias que promovam uma educação musical antirracista, capaz de valorizar e dar visibilidade às histórias e culturas dos povos negros e indígenas. Essa transformação implica reconhecer que a música não é um fenômeno isolado, mas uma prática social carregada de significados e intencionalidades que refletem as dinâmicas de poder e as lutas históricas de seus protagonistas. Assim, pensar em abordagens como Zambi e a educação musical antirracista representa não apenas uma proposta metodológica, mas um compromisso político e ético com a desconstrução do racismo nos espaços institucionais de ensino. Para que essa proposta seja efetiva, é necessário fundamentá-la em aportes teóricos e práticos sólidos, que garantam a conscientização crítica e a valorização da ancestralidade negra e indígena no processo educacional. Essa reflexão nos leva a questionar: por que pensar em Zambi e na educação musical antirracista como ferramentas centrais no combate ao racismo na educação formal?

No desenvolvimento do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), questioneei diversos processos e modelos vigentes de ensino musical em instituições como escolas, conservatórios e universidades. A partir do desejo de romper com tais modelos tradicionais, optei por elaborar a defesa da pesquisa por meio de uma performance que incorporasse recursos não convencionais e não usualmente esperados de uma estudante de Licenciatura em Música. Tal escolha se fundamenta na constatação, infelizmente comum, de que muitos estudantes de cursos de licenciatura acabam abandonando a prática instrumental ao longo da formação, fenômeno decorrente de múltiplos fatores. Entre estes, destacam-se a rigidez e a exigência das grades curriculares, que dificultam a manutenção de uma rotina de prática individual, bem como a própria formação acadêmica, que frequentemente não valoriza o ato de tocar como ferramenta pedagógica essencial no processo da educação musical.

Durante a construção dessa performance, estabeleci diálogo com conceitos fundamentais como oralidade, memória, contextualização histórica e política, além de abordar questões relativas às relações raciais na música. O conceito de escrevivência, conforme articulado por Conceição Evaristo, ofereceu suporte teórico para que as vivências

pessoais e coletivas dos integrantes da performance pudessem manifestar-se sonora e politicamente, estabelecendo conexões profundas com suas histórias, identidades e relações com o som. Ao final, esses elementos foram integrados harmonicamente, compondo uma tessitura sonora ritmada e melodiosa, que traduz as múltiplas dimensões que nos atravessam.

Surge, então, o questionamento: como foi concebida a ideia de construir uma performance como forma de defesa? De que modo a figura de Zumbi dos Palmares se inscreve nesse processo? Quais foram os resultados e conclusões desse estudo-prática? Para responder a essas indagações e aprofundar a compreensão do percurso, apresento a seguir uma descrição detalhada da elaboração coletiva dessa performance.

### **Criando musicalmente Zumbi**

"Criando musicalmente Zumbi" é o título do capítulo em que descrevo os processos pedagógicos, artísticos e musicais que nortearam minha pesquisa de conclusão de curso. Nele, retrato o percurso formativo que trilhei, desde minhas primeiras experiências na música até minha formação acadêmica. A escrevivência, enquanto ferramenta metodológica, permitiu que eu narrasse esse processo a partir das minhas vivências como instrumentista, educadora musical e mulher negra. Carregando uma trajetória marcada por especificidades, percebo também o elo coletivo que nos aproxima enquanto sujeitos racializados em uma sociedade atravessada pelo racismo estrutural.

Ao ingressar na universidade, confrontei modelos enrijecidos de ensino musical que pouco dialogavam com as sonoridades e práticas culturais do cotidiano brasileiro. A presença constante de repertórios europeus, cristãos e brancos evidenciava uma formação musical distante da pluralidade que nos constitui. A estrutura acadêmica, com sua rigidez normativa e epistemológica, frequentemente anula corpos e experiências dissidentes, reproduzindo padrões monoculturais que inviabilizam outras formas de produzir conhecimento.

Como forma de ruptura, optei por uma defesa performática, integrando música e cena, que incorporasse práticas não convencionais e recursos pedagógicos contra-hegemônicos. Convidei colegas para juntos, criarmos musicalmente Zumbi dos Palmares,

explorando sonoridades convencionais e não convencionais, articuladas a gestualidades, poemas e textos que comunicavam ao público os conceitos centrais da pesquisa de maneira acessível.

A formação instrumental incluiu saxofone, voz, violino, viola, clarinete, pífano, piano, percussão e trompete. Essa combinação de instrumentos funcionou como recurso narrativo, conduzindo o público por diferentes dimensões da pesquisa, desde suas raízes históricas até as práticas ritualísticas que atravessaram o processo formativo. Os ensaios, realizados semanalmente, resultaram em oito movimentos musicais concebidos de forma coletiva, com ênfase na oralidade como prática pedagógica central.

A performance foi concebida como um improviso coletivo, atravessado por experiências comuns - como o racismo acadêmico - e também pelas singularidades de cada participante. Embora majoritariamente composta por pessoas negras, também incluiu aliados brancos comprometidos com o combate ao racismo, reiterando a potência política do que denominei como “aquilombamento sonoro”. Essa proposta dialoga com autoras e autores como Beatriz Nascimento (2021) e Abdias Nascimento (2020), que concebem o quilombo como espaço de resistência política, cultural e afetiva.

É necessário, entretanto, distinguir quilombo e aquilombamento: o primeiro refere-se ao espaço de convivência entre sujeitos racializados e marginalizados; o segundo, ao movimento coletivo de articulação em torno de uma causa comum - na maioria das vezes, contra o racismo. Na performance, o aquilombamento foi entendido como prática musical, reunindo pessoas que, por meio da arte, se posicionam contra opressões de raça, gênero e sexualidade.

Evocar Palmares no campo musical e educativo significa atualizar a memória coletiva em prol da justiça social. Através da música, ressignificamos a resistência, transformando a escuta em território de luta e pedagogia. Assim, ao afirmar que “faremos sonoramente Palmares de novo”, reivindicamos a continuidade de um legado insurgente. Palmares deixa de ser apenas passado e se transforma em prática viva: presente nas salas de aula, nos palcos e nas comunidades, onde o aquilombamento sonoro segue como caminho, prática e horizonte.

## Considerações finais

Este trabalho buscou refletir sobre os processos de ensino e aprendizagem musical a partir de uma perspectiva afrodiáspórica, tendo como eixo central os conceitos de aquilombamento sonoro, ação quilombista musical e a proposta político-estética de “fazer sonoramente Palmares de novo”. Ancorado na escrevivência como prática metodológica e epistemológica, o percurso desenvolvido aqui procurou articular teoria, prática, corporeidade e experiência como elementos indissociáveis na formação de uma educação musical antirracista e contra-hegemônica.

Ao compreender o corpo negro como locus de produção de saberes, e a música como campo fértil para reinscrição de narrativas históricas silenciadas, este estudo evidencia que o aquilombamento não se restringe a uma metáfora de resistência, mas atua como um dispositivo político, pedagógico e afetivo que tensiona estruturas curriculares monoculturais. A performance “Zumbi” - elaborada e apresentada como defesa de Trabalho de Conclusão de Curso - foi aqui analisada não apenas como produto artístico, mas como prática educativa insurgente, na qual a improvisação, a oralidade e o diálogo coletivo se configuram como metodologias decoloniais.

Nesse contexto, pensar a educação musical sob a ótica do aquilombamento é abrir brechas para a construção de epistemologias situadas, plurais e comprometidas com a justiça social. É afirmar que Palmares é prática viva, que se atualiza por meio da escuta, do som e da coletividade. Mais do que uma proposta metodológica, este trabalho se propõe como convite: a escutar, a criar e a ensinar com o compromisso de reconfigurar os sentidos da presença negra na universidade, nas artes e na educação.

## Referências

BATISTA, Leonardo Moraes. Educação Musical, relações étnico-raciais e decoloneidade: tensões, perspectivas e interações para a Educação Básica. **Revista Orfeu**, v. 3, n. 2, p. 111-135, 2018. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/1059652525530403022018111/9592>. Acesso em 16 jul. 2025.

DE SOUZA BORGES, Thiago; ALMEIDA, Luiza Nascimento. Aquilombamento: Superando os silenciamentos. **Revista Música e Cultura**, v. 13, n. 3, p. 167-193, 2024.

DE SOUZA, Luan Sodré. Educação musical afrodiaspórica: uma proposta decolonial a partir dos sambas do Recôncavo Baiano. **Revista da ABEM**, v. 28, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - PUC Rio, Rio de Janeiro, RJ, 1996. Texto indisponível para consulta pública.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro. Editora Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. São Paulo. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

SOUZA, Stefani Silva. Arte e pensamento negro como epistemologias críticas: contribuições para o ensino de música. **Revista Música**, v. 24, n. 1, p. 341-364, 2024. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revistamusica/article/view/229319/208469>. Acesso em: 15 jul. 2025.

SOUZA, Stefani Silva. **Faremos sonoramente Palmares de novo**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Departamento de Música, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

SOUZA, Stefani Silva. Perspectivas pedagógico-musicais e os ambientes de inscrição da intelectualidade afrodiaspórica a partir de Racionais MC's. In: **XXXIV Congresso da ANPPOM**. 2024. Disponível em:

[https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso\\_anppom\\_2024/papers/2229/public/2229-10866-1-PB.pdf](https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2024/papers/2229/public/2229-10866-1-PB.pdf). Acesso em: 15 jul. 2025.